

NÃO DIGA MEU NOME *devaneios de proximidade*

Nicolas Soares¹

Resumo: A correspondência em cartas entre amigos é o mote essencial da construção da proposição *não diga meu nome*. A partir de uma fotografia alheia, compartilhada nessas cartas, entender as distâncias e ao mesmo tempo as dinâmicas do pessoal e do público, do “eu” e do outro. Quais, nessas intercessões, existem as relações de intimidade, as memórias e as histórias.

Palavras-chave: intimidade, memória, privado, público, fotografia.

NÃO DIGA MEU NOME

Além dos propósitos do julgamento alheio e sujeito a tais intempéries, a intimidade publicada questiona a noção de afeto, como aquilo que causa efeito sobre o outro _ o afetar. Vítimas da intromissão de todos os quaisquer no tempo, no corpo e no cotidiano particular, ao mesmo que expostos por razão própria em vieses virtuais das realidades possíveis desses devires. Reservamo-nos a nossa esfera, um álibi de esquiva, um momento que de tudo só nos cabe, a intimidade. Mas todos os caminhos levam ao centro, e nada escapa daquele olho, de todos os olhos, dos transeuntes da rua, de comentários e de interjeições, um momento de suspensão e tudo te percebe, persegue e te suga. Uma violação. O coito contemporâneo, deste hipercorpo que te suga. E nesta rede infinita, trama que não se linda, de todos aqueles que perdem as faces e mais outros que nem suspeitamos que delas as tivesse. De quaisquer pontos tais, em repouso, algum se movimenta em sua direção, te cruza o caminho, emaranha os membros, joga ao espaço, expõe, mostra, julga, castra e devolve ao vácuo do que nunca foi seu; a intimidade. O que de tudo parece outorgado, então, é o direito de invadir, de apossar-se do laço desfazê-lo em um nó cego perdido das pontas. Este é o direito concedido a todos: o de invadir outrem. Não há limites que contornem os espaços circundantes de cada ser em sua zona de

¹ Mestrando no PPGA-UFES; 2013. Pesquisa sobre a abordagem do íntimo e os processos criativos na fotografia contemporânea. Formado em Artes Plásticas na Escola de Belas Artes-UFBA, em Salvador; 2011.1. Trabalho pessoal em fotografia com qual participou de diversas exposições coletivas, entre elas Salões Regionais promovidos pela Fundação Cultural do Estado da Bahia – FUNCEB, Prêmio Fundação Cultural (2010); 15º Salão da Bahia no Museu de Arte Moderna – MAM (2008), e prêmio de Menção Especial na 9ª Bienal do Recôncavo – São Felix – BA (2008).

conforto, não há proteção suficiente que amortecça o impacto do acidente, não há coincidência que não permita esse encontro. Entretanto questiona-se o destino a tamanho infortúnio do acontecimento do impreterível encontro com o outro. Sempre na ambivalência crucial do maniqueísmo de vítima/algoz, entre passivo, sacrificado aos interesses e paixões alheias, como em agente passional deste flagelo. Mas, ao mesmo, como se aproxima àquele ou a outro anônimo, como lhe convém histórias sobre tal, como se dá ao prazer de soprar-lhe o rosto o seu escárnio? Então por favor, não diga meu nome.

DEVANEIO DE PROXIMIDADE

O ideal do “eu” e poder estar, ser, ter o outro. Declara-se aqui o manifesto da intimidade e de proximidade com o outro. Das relações fortuitas, da reciprocidade romântica, do consubstancial sexual, do encontro e do acidente.

Art. 1º.

O outro, a vida do outro, o corpo do outro, a sexualidade do outro é de interesse intrínseco.

Art. 2º.

Tudo é relacional e toda relação exige uma intimidade.

Art.3º.

Todo encontro é um acidente. E nos acidentamos no encontro com o outro.

Art. 4º.

Nós somos acidentes passíveis de ser. Nós somos consequências desses acidentes.

Art. 5º.

A subjetividade é manifesto.

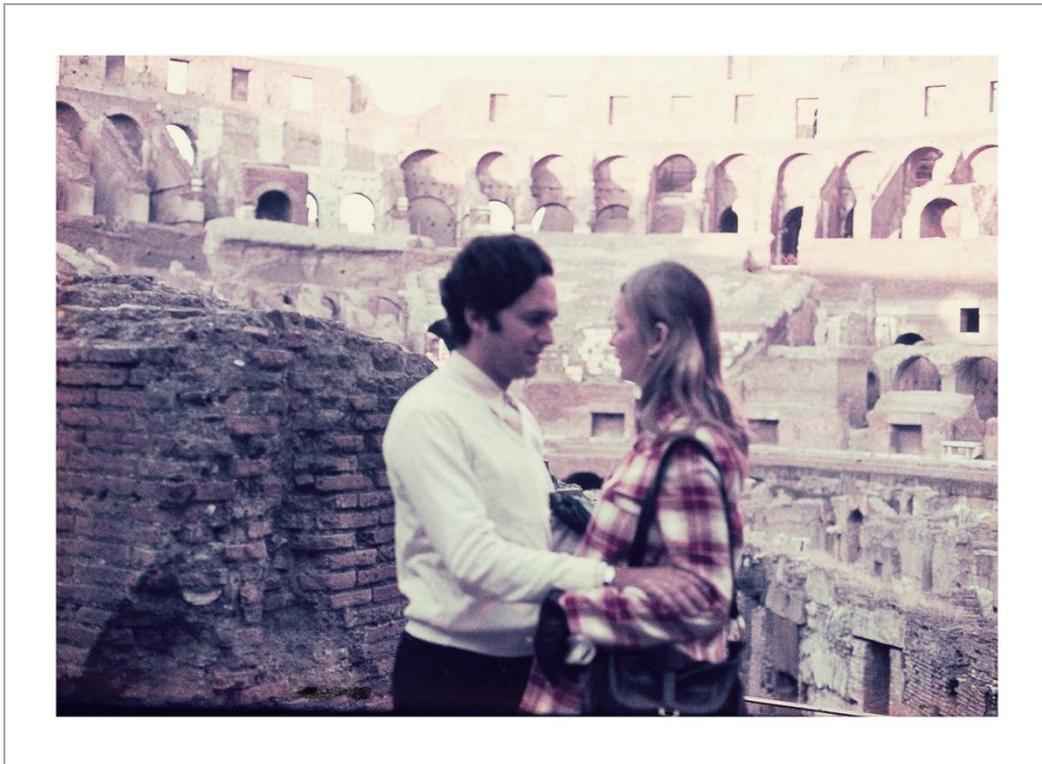
O MÉTODO DA APROXIMAÇÃO

Através da comoção pela projeção romântica do íntimo de outrem. Pela noção de afeto daquilo que não nos faz. Pela nostalgia do que não é e nem foi, e, principalmente, pela distância segura deste ideal se configurar no plano do desejo –

e sendo assim, pelo desejo da queixa do que não nos é, em via da negligência do que se têm.

Em um retrato do tempo se encontram as memórias do instante: o entorno, o diálogo, o outro. Viveremos juntos num retrato do tempo. Reconhecer-nos-emos em fotos alheias, em momentos que não vivemos, em pessoas que desconhecemos, por aproximações oblíquas – por afeto; e mais uma vez, por desejo do que desejamos.

Seria as ruínas de nós mesmos em busca das ruínas de outros. A relação à posteriori qual espectador se aproxima da imagem fotográfica. Permite-se à identificação, ao afeto – o punctum que o atinge vertiginoso – a projetar-se em outra história que lhe convém mais devaneadora de padecer. É um espectador que deposita expectativas sobre os quadros pintados da vida, sobre esta imagem técnica, mas nunca na própria vida².

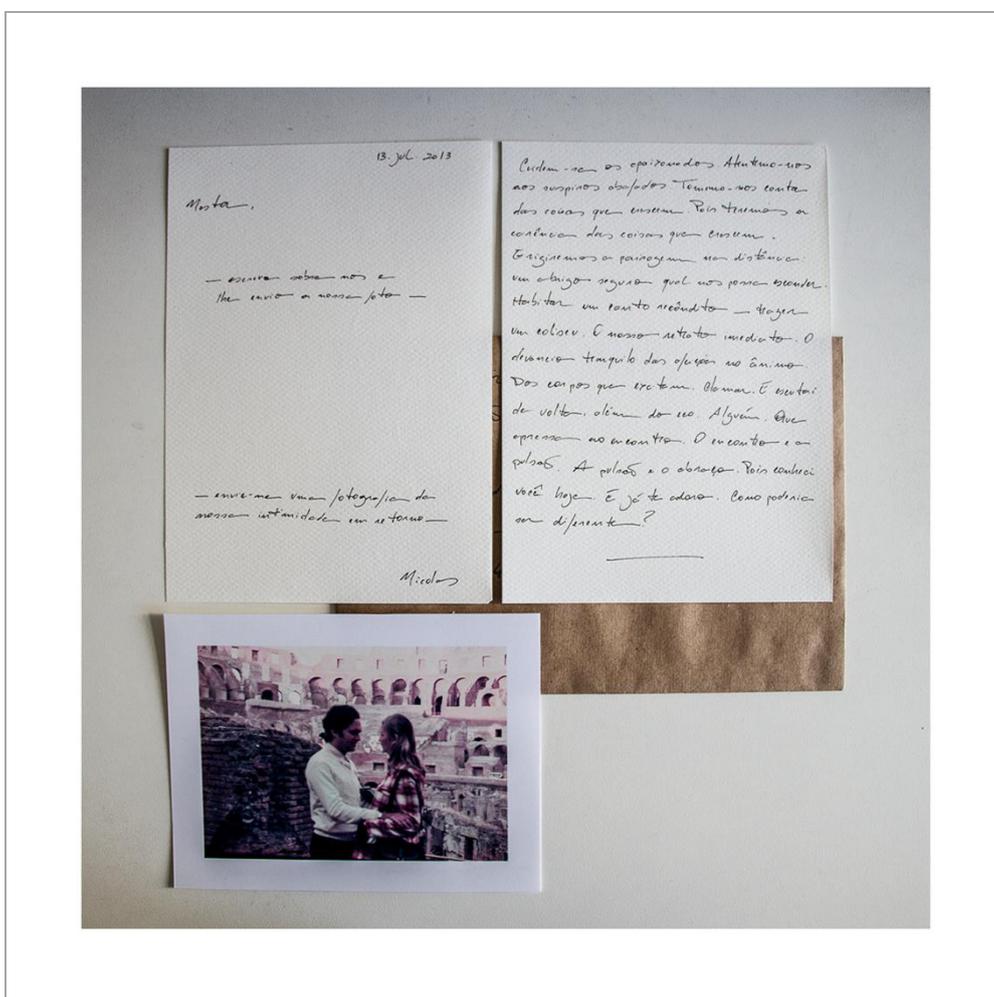


NÃO DIGA MEU NOME. Positivo fotográfico (slide) encontrado em antiquário.

² foto-expectador: aproximação, identificação, projeção, afeto e punctum

A propósito de uma imagem recolhida, antiga e anônima. A respeito dos personagens inominados da cena. Vislumbram-se possibilidades de histórias, mas para além, permite uma identificação e projeção, uma troca de lugar, uma troca de sujeito. O momento de suspensão qual o devaneio de proximidade se torna o devir na imagem. É um devir vida que foi. Que é estranho. Que pode vir a ser próprio.

Esta película em positivo (slide) de uma antiga foto de viagem, encontrada num antiquário – antiga foto de casal é uma foto da intimidade. Através dela, narrar outras vidas e momentos compartilhados com outras várias pessoas. Refletidos, retratados e referenciados a partir dessa imagem.



NÃO DIGA MEU NOME. Carta enviada. 2013

Tais correspondências enviadas a amigos, sobre momentos eternos, lembranças e nostalgias não vividas, apresentadas por essa fotografia, retrata todo e qualquer momento que se queira atribuí-la. Pois nela estão as demandas da minha vontade,

pois nela está a narrativa tendenciosa. Completa o discurso do que não disse, como também, a ação que não foi feita no real. É a imagem pictórica do momento que um dia se quis. Quis-se miragem um dia. O fato nesta imagem.